

**APROFUNDAMENTO  
DAS DESIGUALDADES:**

**CRIANÇAS, ADOLESCENTES  
E JOVENS NA AMÉRICA LATINA  
EM PANDEMIA**





**Textos:** Ação Educativa, Centro de Servicios Educativos en Salud y Medio Ambiente, Corporación Amiga Joven y Museo de la Palabra y la Imagen

**Redação e coordenação:** Fabiana Vezzali

**Edição:** Bianca Pyl

**Revisão:** Bruna Leite, Josephine Wragge e William León

**Projeto gráfico:** Dora Lia Gomes - Dillasete

**Tradução:** Adriana Alvarez

**2020**



MUSEO de la  
Palabra y la Imagen



Promoción y Defensa  
de los Derechos de la Niñez.

Apoio:

 **terre des hommes**  
Apoio à Infância







# APRESENTAÇÃO

Esta é uma publicação do Projeto Regional Interpaz, que atua pela promoção da cultura de paz com igualdade e equidade de gênero por meio da participação ativa de crianças, adolescentes e jovens na América Latina. O projeto é realizado por organizações parceiras em quatro países: Ação Educativa, no Brasil, Corporación Amiga Joven, na Colômbia, Museo de la Palabra y la Imagen, em El Salvador, além do Centro de Servicios Educativos en Salud y Medio Ambiente, na Nicarágua. É cofinanciado por terre des hommes Alemanha e Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha (BMZ).

A pandemia da Covid-19 aprofundou desigualdades e violências nos países, afetando principalmente a infância e a juventude latino-americanas. Nesta publicação, reunimos alguns elementos deste contexto, acompanhados de depoimentos de meninas, meninos e jovens sobre as suas experiências e preocupações. Também compartilhamos as reflexões de nossas organizações parceiras sobre o caminho percorrido neste ano, desde as aprendizagens e dificuldades até as adaptações necessárias para seguir atuando na promoção dos direitos da infância e da juventude.

Fabiana Vezzali  
Coordenação do Projeto Regional Interpaz

[www.tdh-latinoamerica.de](http://www.tdh-latinoamerica.de)

## Agradecimento

Parte das citações de meninas/os, adolescentes e jovens presentes nesta publicação foram retiradas de consultas realizadas pelas Coordenações de Programa de terre des hommes Alemanha – na América Central e no México, no Cone Sul e na Colômbia (por meio da Plataforma Colombiana para o Protagonismo de Meninos, Meninas e Jovens).

Utilizamos na publicação imagem gentilmente cedida pelo Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente ‘David Arantes’, de Limeira, Brasil (@cedecadavidarantes).



1237

**AMÉRICA LATINA:  
DESIGUALDADES  
EM TEMPOS  
DE PANDEMIA**

Em 2020, enfrentamos a pandemia da Covid-19 e a tragédia de perder milhões de vidas ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, vimos históricas desigualdades e injustiças se aprofundarem na região.

Todos os países enfrentam e enfrentarão uma grave crise social e econômica, que levará ao crescimento do número de pessoas em situação de pobreza e de extrema pobreza, de acordo com a avaliação da Organização das Nações Unidas (ONU). Os efeitos da crise, contudo, já atingem de maneira desproporcional os grupos mais vulneráveis da população: crianças, adolescentes, jovens, mulheres, pessoas LGBTQI+, populações do campo, indígenas e afrodescendentes, migrantes, pessoas com deficiência e trabalhadores informais, segundo a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL).

Em diversas cidades colombianas, por exemplo, moradoras/es penduraram panos vermelhos em suas janelas durante a quarentena para denunciar que não tinham comida em casa. Com quase metade da população vivendo da economia informal – segundo dados da *Gran Encuesta Integrada de Hogares* –, as medidas de isolamento afetaram rapidamente a sobrevivência das famílias, que ficaram sem dinheiro para pagar os aluguéis e/ou comprar alimentos.

“

**Tem muita gente sofrendo e com as bandeiras vermelhas em suas janelas. As pessoas estão com fome e estão nas ruas e se contaminam mais rápido.”**

Luciana\*, Colômbia, na Consulta Miradas y Voces – Desde a infância e a juventude em tempos de Covid-19

Além do desemprego e da fome, outras ameaças às populações e ao planeta também se agravaram, entre as quais, a devastação ambiental, o avanço das mudanças climáticas, as migrações forçadas e o crescimento da violência.

---

\* Nome fictício

“

**O meio ambiente afeta diretamente os direitos de meninos e meninas. Para a infância indígena, a proteção do território é a forma de garantir o nosso estilo de vida tradicional e o exercício de nossos direitos humanos. Infelizmente, no contexto guarani, há uma dívida histórica por parte do governo do Brasil em demarcar o nosso território. A Covid-19 nos atingiu de maneira grave, faltam alimentos em nossos acampamentos.”**

Roger, 15 anos, do povo Guarani-Kaiowá, Brasil, no Encontro anual sobre os direitos das crianças do Conselho de Direitos Humanos da ONU

## **CRIANÇAS E JOVENS EXPOSTOS À VIOLÊNCIA**

Organizações nacionais e internacionais alertaram para o aumento da violência contra crianças na pandemia. Para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), seis em cada dez meninas e meninos no continente são criados com métodos violentos - que incluem castigos físicos e agressões psicológicas - e o quadro se agravou durante o período de isolamento social.

Países como Argentina, Brasil, Colômbia, México, Paraguai e Peru informaram o crescimento do número de casos de violência nas famílias. Ademais, crianças, adolescentes e jovens também sofreram com o recrudescimento da violência urbana e dos conflitos armados.

## COLÔMBIA: MASSACRES E RECRUTAMENTOS

Crianças e jovens têm sido assassinados e recrutados por grupos armados do país, que viu os conflitos recrudescerem ao longo deste ano.

“No primeiro semestre de 2020, houve um aumento de cinco vezes no número de crianças recrutadas em comparação com o mesmo período do ano anterior. Esta tendência preocupante se deve, em parte, à pandemia do novo coronavírus: à medida que as escolas e outros serviços de proteção fecharam, meninos e meninas se tornaram um alvo mais fácil para os grupos armados”, denuncia a organização *Save the Children*. “As crianças que vivem em áreas afetadas pelo conflito armado precisam de muita proteção. Devem ser tomadas medidas para enfrentar e prevenir a violência que assola a Colômbia há décadas”, complementa.

## **BRASIL: RACISMO E PANDEMIA**

Guilherme, João Pedro, Iago e João Vitor. Esses são os nomes de alguns dos adolescentes e jovens mortos pelo Estado durante a pandemia. Moradores de comunidades periféricas, eles foram vítimas da violência policial que, nesse período, cresceu principalmente nos grandes centros urbanos. No país, quase 80% das vítimas de homicídio são de pessoas negras.

Movimentos sociais organizaram protestos e denunciaram, durante a quarentena, os efeitos do racismo estrutural e das desigualdades sobre a população negra, duplamente ameaçada pela violência e pelo risco de morte pela Covid-19. “Negras e negros estão entre o público mais exposto ao novo coronavírus devido a sua condição de pobreza, de desemprego, de trabalho informal, de localização em regiões periféricas, vilas e favelas sem saneamento básico, de precariedade de postos de trabalho e de moradia”, ressalta o estudo “A questão racial e o novo coronavírus no Brasil”.

**VOZES NA PANDEMIA**

**“A QUARENTENA NOS REVELOU MUITOS PROBLEMAS.”**

Estou perto de me formar como Assistente Social e faço parte de um coletivo que atua com a população em situação de rua. Eu vivo no município de Bello, na Colômbia.

Quando a pandemia começou, tudo foi realmente impactante e não parecia real, mas na medida que os dias passavam aprendi como lidar com isso. Conheço amigas que tiveram familiares que adoeceram da Covid-19 e morreram por causa disto.

Nesse período, eu tive a oportunidade de ter tudo em casa. Participei de aulas virtuais, ajudei a minha mãe a cuidar de minha sobrinha de 2 anos e fazia tarefas domésticas.

Minha mãe foi afetada pela pandemia porque trabalhava em um restaurante. Ela é uma pessoa de alto risco e não voltou depois que seu chefe a chamou. Ela fala de muitas dificuldades econômicas, pois contamos somente com a ajuda da minha irmã e de uma tia, raramente do meu pai. Então, neste período apareceram dificuldades para pagar as contas e a internet. No final, foi encontrada uma solução, porém, neste momento, minhas preocupações também são saber se vou encontrar trabalho e ter dinheiro para comprar meu certificado profissional.



Parece que a quarentena revelou muitos problemas que estavam escondidos enquanto sociedade, como o feminicídio e as violações de direitos. Por exemplo, as crianças de baixa renda foram muito afetadas porque a instituição educacional era o único espaço que tinham para receber alguma alimentação ou brincar. Não acredito que as autoridades tenham realizado medidas suficientes. No papel é tudo muito bonito, mas na hora da verdade são muito lentos.

Meu município foi afetado pelo aumento dos conflitos entre bairros e pela violência. Para melhorar as condições de vida, creio que as autoridades deveriam dar mais voz aos jovens e levar em consideração as famílias que, infelizmente, foram abandonadas.

**Depoimento de Andrea, 23 anos, Colômbia.**



# VIOLÊNCIA DE GÊNERO



As medidas de isolamento social e o confinamento doméstico reduziram os riscos de contágio ao coronavírus, mas para meninas e mulheres isso significou mais exposição às violências física, sexual e psicológica. Muitos serviços e redes de proteção e denúncia de abuso sexual e violência foram restringidos na pandemia, dificultando ainda mais a chance de solicitar ajuda. Em períodos de crise e isolamento, meninas e adolescentes também correm mais riscos de serem submetidas ao casamento forçado e à exploração sexual.

“A atenção dada à Covid-19 não isenta os países de suas obrigações de combater as violências de gênero sofridas por milhares de mulheres e meninas, incluindo mulheres transgênero e pessoas intersexo”, alerta a Anistia Internacional. Na região, as organizações têm denunciado o crescimento da violência e dos feminicídios, reivindicando medidas urgentes e políticas integrais que rompam os ciclos de agressão, discriminação e exclusão.

As pessoas LGBTQI+ também vivenciaram, durante o isolamento, o aumento das tensões nas casas em que suas identidades de gênero não são respeitadas e nem reconhecidas, além de uma maior exposição à violência e aos maus tratos. A CIDH chama a atenção para o fato de crianças e adolescentes LGBTQI+ serem frequentemente rejeitadas/os por suas famílias e pela comunidade, o que as/os coloca numa posição ainda mais vulnerável.

## **NICARÁGUA E EL SALVADOR: ALERTA PARA OS FEMINICÍDIOS**

Diante dos assassinatos de meninas e mulheres na Nicarágua e em El Salvador, organizações desses países denunciaram o aumento das situações de risco durante o período de confinamento, bem como a ausência de medidas contra a Covid-19 com enfoque de gênero e de uma política de atenção eficaz de prevenção e combate à violência de gênero.

## NENHUMA A MENOS



**(1)** jan - ago de 2020 (Fonte: Observatório de Violência contra as Mulheres); **(2)** jan - set de 2020 (Fonte: Católicas pelo Direito de Decidir da Nicarágua); **(3)** jan - ago de 2020 (Fonte: Observatório de Femicídios da Colômbia) e **(4)** jan - jul de 2020 (Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública)



# “ME PREOCUPA O ASSASSINATO DAS MENINAS E MULHERES”



Durante a pandemia, continuei assistindo às aulas porque tinha boas notas e não queria faltar e perder depois. Eu tenho 13 anos e estou no oitavo ano. Na minha escola foram realizadas medidas contra a Covid-19 neste período, como lavagem das mãos, uso de máscara obrigatória e desinfecção com álcool. Eu só saí de casa para estudar. A escola me dá uma sensação boa porque sei que vou melhorar meus conhecimentos e gosto de passar tempo com minhas amigas. Meu sonho é me formar em matemática para no futuro ensinar às crianças.

Creio que as crianças foram muito afetadas nesses tempos porque perderam aula. Alguns adolescentes não poderão terminar seus estudos porque precisam viajar para ir à escola e isto os expõe à doença. Se ficam doentes, as famílias têm medo de ir a um posto de saúde por causa do contágio e de não receber atendimento.

Acredito que as autoridades não tomaram medidas de proteção suficientes para crianças e jovens. Por exemplo, quando vão à escola, não colocam em prática as medidas de prevenção.

A polícia também não resguarda as comunidades para protegê-las de abusos e roubos com intimidação. Me preocupa o aumento da violência. Me sinto muito mal com

o assassinato de meninas e mulheres porque tenho primas e tenho medo de que algo aconteça comigo. As famílias também deveriam tomar medidas de segurança quando as crianças têm que ir à escola. Deveriam evitar que frequentem lugares isolados sozinhas.

Eu moro com a minha mãe e meu irmão em uma comunidade rural da Nicarágua. Nas últimas semanas tenho me sentido alegre, mas também sinto aflição e tristeza, pois não pude sair da minha casa para ver meu pai, não pudemos ir a outros lugares... Em casa, sobrevivemos com a pensão, mas não é o suficiente. Minha mãe fica triste e preocupada. Às vezes ela lava e passa a roupa do meu tio e, com o pouco que recebe, consegue comprar umas coisinhas para a alimentação.

**Depoimento de Carmen\*, 13 anos, Nicarágua.**

---

\* Nome fictício



# IMPACTOS NA EDUCAÇÃO





Milhões de estudantes ficaram sem aulas na América Latina e no Caribe após o fechamento das escolas. Apesar de ser uma das principais ações de restrição ao contágio do novo coronavírus, a medida afetou principalmente crianças, adolescentes e jovens mais pobres.

De acordo com a ONU, poucos países ofereceram aulas remotas e condições para que as/os estudantes continuassem os estudos. O acesso à tecnologia ainda é um privilégio e, por isso, crianças e jovens mais pobres encontraram muitos obstáculos - segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) -, como escassez de recursos para acessar a internet, falta de um celular ou computador disponíveis em casa, dificuldades de acompanhar as aulas em plataformas virtuais, além da falta de espaço e de materiais adequados. Outra barreira foi a ausência da oferta de acessibilidade para crianças e jovens com deficiência.

“

**Minha mãe não tem internet, só quando “pega” da vizinha. Não dá para fazer as lições. Tinha que mandar buscar um papel e fazer em casa, sem ter que usar a internet.”**

Lúis\*, 11 anos, Brasil, na Consulta do Programa Cone Sul de terre des hommes Alemanha

Com o fechamento das escolas e a ausência de políticas de proteção à infância, as crianças que dependem de merenda também foram prejudicadas. “Quando as escolas são fechadas aumenta a ocorrência de casamentos prematuros, mais crianças são recrutadas por milícias, aumenta a exploração sexual de meninas e mulheres jovens, a gravidez na adolescência se torna mais comum e o trabalho infantil cresce igualmente”, de acordo com a Unesco. A organização ainda recomenda que os países levem em conta os riscos e as vantagens do fechamento das escolas frente à Covid-19, garantam os serviços de proteção social e incluam a desigualdade de gênero como um elemento central para qualquer tomada de decisão.

---

\* Nome fictício

A Nicarágua foi o único país da região a não fechar as escolas durante a pandemia, de acordo com a Unesco.

(Acesso em outubro de 2020)

**Nenhuma menina para trás** - Mais de 11 milhões de meninas podem deixar de estudar por conta dos impactos econômicos da pandemia no mundo, segundo a Unesco. Crises como essas tendem a aumentar o trabalho não remunerado de meninas e jovens mulheres e limitar o tempo disponível para ir à escola. Além disso, as meninas têm menos acesso à internet, mesmo nos lugares com ampla cobertura, o que traz menos oportunidades de aprendizagem e mais risco de evasão escolar.

Em uma pesquisa global, realizada pela *Save the Children*, quase dois terços das meninas contaram que as tarefas domésticas haviam aumentado. Além disso, mais da metade disse que passou mais tempo cuidando de seus irmãos ou irmãs desde o início da pandemia. As meninas disseram que isso impedia os seus estudos duas vezes mais do que os meninos.

“

**Não podemos sair livremente, nem ir ao parque, brincar lá fora nem nada, também queremos ir à escola e ver nossos colegas... Não é a mesma coisa, por exemplo, eu estou onde minha tia mora porque nós não temos computador para estudar.”**

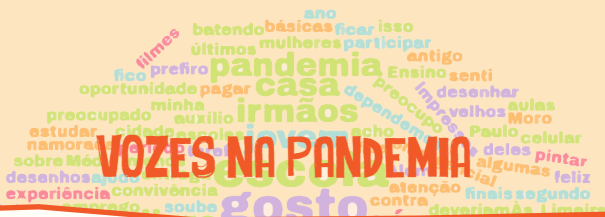
Ana\*, 6 anos, El Salvador, na Consulta a NNAJ: Percepção da Pandemia de Coronavírus

Na Colômbia, 67% das/os estudantes de colégios públicos não têm acesso à internet ou computador para assistir às aulas virtuais. Nas zonas rurais, somente 9% possuem computador, segundo a Academia Colombiana de Ciências Exatas, Físicas e Naturais.

---

\* Nome fictício

**Que futuro?** - Os efeitos da pandemia foram duros para jovens dos países mais pobres, particularmente para as mulheres. Cerca de 13% das/os jovens no mundo (entre 18 e 29 anos) ficaram sem nenhum acesso à educação na quarentena. Uma em cada seis pessoas perdeu o trabalho nesse período, especialmente aquelas com idade entre 18 e 24 anos. A OIT prevê que a crise econômica provocada pela Covid-19 criará mais obstáculos para as/os jovens ingressarem no mercado de trabalho e lembra os países da urgência por políticas de emprego, formação e proteção social voltadas para essa geração.



# “FOI DIFÍCIL CONTINUAR OS ESTUDOS,”



Moro em Limeira, no estado de São Paulo, com dois irmãos mais velhos e a namorada de um deles. Quando tenho tempo livre, eu jogo bola, ando de bicicleta, assisto a filmes. Também gosto de desenhar e pintar. Na quarentena, até usei uma porta quebrada de um antigo guarda-roupa para fazer os meus desenhos.

Tomei cuidado na pandemia e só saí algumas vezes para passear de bicicleta porque eu gosto muito. É bom sentir o vento batendo no rosto. Às vezes, quando você está muito tempo em casa, pode ficar triste ou preocupado demais.

Estou no segundo ano do Ensino Médio e prefiro estudar Artes e Geografia. Na escola, tenho um pequeno grupo de amigos. Lá também tem a turma do *bullying*... Os professores costumam chamar essa turma para conversar e, às vezes, expulsam aqueles que não aceitam seguir as regras.

Ainda não comentei na escola que quero ser chamado de Café, então, as pessoas continuam me chamando de Ana. Ainda não me senti livre para falar sobre isso porque alguém pode fazer uma brincadeira de mau gosto. Alguns amigos já me chamam de Café e eu fico muito feliz.

Tentei participar das aulas online durante a pandemia, mas meu celular não funciona bem e não consegui.

A escola não oferece materiais impressos, então, se você não pode acessar o conteúdo pela internet, fica sem fazer qualquer tarefa. Tem um probleminha também: não consigo prestar atenção e preciso do apoio de alguém. Não acho que deveriam reabrir as escolas, mas organizar a entrega das tarefas.

Além da educação, o que mais afetou crianças e jovens foi não poder sair ou brincar na rua. Acho que a quarentena também alterou a convivência familiar, soube que aumentaram os casos de agressão contra as mulheres.

No momento, faço alguns “bicos”, ajudo a carregar entulho e a entregar jornal em alguns finais de semana. Na minha cidade, falta oportunidade de trabalho para quem é jovem. Eles pedem experiência, só que o jovem não tem.

Meus irmãos ficaram desempregados nos últimos meses. Por um período, dependemos do auxílio emergencial [pago pelo governo federal] e do recebimento de cestas básicas. Ficou mais difícil pagar as contas. Agora, eles voltaram a trabalhar. Eu me preocupo em ter um emprego ou, pelo menos, um “bico” para poder colaborar em casa.

**Depoimento de Café, 18 anos, Brasil.**



**DIREITO  
À VIDA**

A pandemia acelerou múltiplas crises. As consequências das desigualdades e da pobreza são sentidas principalmente pelas populações mais vulneráveis. A CIDH fez diversos comunicados nesse período expressando a gravidade dos impactos sobre migrantes, afrodescendentes, indígenas, defensoras/as de direitos humanos, mulheres, pessoas LGBTQI+, além de crianças e adolescentes.

Em todo o mundo, são muitas as vozes que se levantam contra essa situação e se mobilizam por ações concretas que assegurem a crianças, adolescentes e jovens o direito a uma vida sem violências e discriminação. Esses movimentos também reivindicam novos modos de vida e modelos de desenvolvimento baseados em uma agenda social e ambiental que não deixe ninguém para trás. Trata-se de responder às crises com políticas de proteção econômica e social, que eliminem as violências de gênero e considerem a diversidade dessas populações.

“

**Nós, meninos e meninas latino-americanos, somos submetidos a um sistema excludente, destrutivo e homogêneo. Exigimos que se defenda com dignidade mecanismos urgentes que nos garantam participação e representação, desta forma, haverá diversidade de idade e gênero. Exigimos que as nossas ideias, saberes e práticas ancestrais (indígenas, camponesas e afrodescendentes) sejam a base para a criação de um novo ambiente saudável e harmônico, na relação com a natureza, para as gerações do presente.”**

Juliana, 15 anos, Colômbia, em sua participação na sessão de número 44 do Conselho de Direitos Humanos da ONU





**AÇÃO**



Na pandemia, o trabalho das organizações sociais ganhou ainda mais relevância nos países, com a articulação de redes de apoio e o atendimento a emergências, sem deixar de denunciar as negligências por parte de governos e autoridades frente ao recrudescimento da violência, da fome e das desigualdades.

Compartilhamos aqui os relatos das organizações parceiras do Projeto Regional Interpaz sobre seus percursos nesse período: aprendizagens, dificuldades e a continuidade das ações em defesa dos direitos da infância e da juventude.



# EL SALVADOR: PROCESSOS DE EMPODERAMENTO

Por: Claudia Anay García de Cartagena  
Coordenação de Projetos -  
Museo de la Palabra y la Imagen  
[@museodelapalabraylainagen]

Diante da declaração de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), El Salvador, com um governo que tinha apenas nove meses no poder, decidiu estabelecer um Estado de exceção sem normativas claras: fechar fronteiras e espaços públicos, estabelecer quarentena, enviar viajantes a centros de contenção etc. O que no início parecia ser um bom plano de contingência, com o passar do tempo se voltou como uma série de incertezas: violação de direitos e conflitos entre poderes governamentais que se somaram às organizações sociais e denunciavam a violação desmedida dos direitos humanos sob a desculpa de priorizar a saúde.

Dois integrantes da equipe do Museo de la Palabra y la Imagen (MUPI) foram enviados a um centro de contenção, assim que retornaram do encontro de planejamento do Projeto Regional Interpaz, que aconteceu em São Paulo, Brasil. Desde o momento da aterrissagem os passaportes foram retidos, escoltados a uma sala de registro e após horas de espera foram levados para as instalações de um pequeno ginásio chamado INJUVE Zacamil. Em uma quadra de basquetebol, com salões

aconicionados de forma improvisada, um grupo de mais de 50 pessoas - entre eles uma criança e vários adultos - passaram mais de 30 dias isolados. Após denunciarem nos meios de comunicação e protestarem, foram transferidos para outro local. No final, permaneceram 42 dias retidos sem justificativas, sem informação e sem saber se estavam doentes. A nível pessoal, o confinamento obrigatório deixou sequelas emocionais e físicas que alguns ainda estão em processo de superação.

Diante disso, entre março e abril, o MUPI fechou as suas instalações e trabalhou remotamente, retomando as atividades virtuais em junho. Para responder ao contexto, o Museu estabeleceu a campanha “Da pandemia à esperança” para recolher arquivos que deem testemunho das experiências da pandemia na perspectiva da população, com a qual vai construir uma exposição de reflexão sobre o tema. Além disso, a equipe de educadores criou um canal no Youtube chamado de [“Escolas de Paz MUPI”](#) para dar continuidade aos processos de empoderamento de crianças e adolescentes de escolas públicas em áreas vulneráveis, já que este é um dos grupos mais afetados pela quarentena obrigatória.

Crianças e adolescentes se adaptam o melhor que podem à realidade e fazem frente às limitações que possuem. Agora, com um sistema de educação virtual e limitados ao espaço de sua casa, devem lidar não com as ameaças que já viviam, mas também com o estresse, as limitações econômicas e a frustração de não conseguirem se adaptar a um sistema educacional que só se destina a 57% da população estudantil com acesso à tecnologia e a internet.

A população salvadorenha sobrevive à pandemia, adaptando-se como fez em todas as crises de sua história, “maltratada”, como diriam as avós, transformando a necessidade em criatividade, e sofrendo neste processo. Essa experiência nos confirma que, se as respostas institucionais não forem elaboradas dentro da perspectiva dos direitos humanos, sob os princípios da equidade e da solidariedade, os grupos mais afetados continuarão sendo as crianças, mulheres e as pessoas idosas que conseguem superar, mas somente elas e eles sabem o custo disso.

# COLÔMBIA: PROCESSOS DE FORMAÇÃO

Por: Marian N. Torres  
Coordenadora e equipe do Projeto  
Regional Interpaz  
Corporación Amiga Joven  
[@AmigaJoven]

As medidas de quarentena aprofundaram a crise social e econômica na Colômbia. Interesses econômicos, políticos e a corrupção impossibilitaram política de proteção e a garantia de direitos da população. Para o cumprimento da quarentena manifestam-se a exacerbação da violência do Estado e da militarização nos territórios, sem ações pedagógicas que reconheçam a diversidade dos contextos.

A Corporación Amiga Joven desenvolve processos de formação para a prevenção de violências sexuais e a construção da paz nos territórios, atuando em bairros periféricos de Medellín e em outras cidades do estado de Antioquia. Acompanha crianças, jovens e pessoas adultas e, há três anos, começou o trabalho com homens jovens para formação em masculinidades não hegemônicas.

Nos últimos meses, a equipe realizou ligações para esses grupos para monitorar a situação e identificar casos de violência de gênero. Identificou que o impacto da quarentena sobre as famílias foi imediato: três dias após o confinamento, já eram evidentes as



dificuldades no abastecimento de alimentos e no pagamento da moradia.

**As distintas formas de violência** - O confinamento dificulta a identificação de meninas e mulheres que passam por situações de violência, assim como o acolhimento das instituições estatais para resolver o problema. Amiga Joven desenvolveu campanhas de comunicação para identificação de violências a partir das experiências das mulheres, buscando construir um tecido de sororidade para prevenir feminicídios e outras violências.

Em grupos de mulheres jovens vinculadas à organização foram identificados três casos de violência de gênero. No grupo das mulheres adultas, o abuso psicológico foi identificado não apenas pelos maridos, mas também por filhos jovens, que na maioria das vezes são os responsáveis pelas finanças das famílias. Ao mesmo tempo, as/os jovens sofrem abusos policiais, em protestos contra os assassinatos de líderes sociais e de jovens e contra medidas que continuam ameaçando os seus direitos. Essas ações são sentidas com maior sensibilidade durante a pandemia.

**Construir uma rede de apoio e reflexão diante de uma realidade incerta** - Amiga Joven tomou medidas para se ajustar a uma realidade que desestabilizava as pessoas emocional e economicamente. Isso implicou criar uma dinâmica que permitisse continuar com a formação como compromisso político e ético com as/os participantes, e que permitisse, a partir daí, gerar reflexões políticas sobre a crise.

Adaptar-se ao virtual foi um desafio que significou buscar alternativas para motivar os grupos, criar novas ferramentas didáticas, além de reconhecer as/os educadoras/es como líderes dos processos.

“A experiência como educadora da Escola Popular de Gênero e Formação Sociopolítica significou muitos desafios e descobertas pessoais e profissionais. Foi necessário explorar a criatividade para construir ferramentas metodológicas que facilitassem a aproximação com as participantes no virtual. Procuramos estabelecer laços de confiança para consolidar uma rede de apoio emocional, econômica, formativa e política entre as participantes, seus familiares e Amiga Joven.”  
*Jessica Segura, educadora do grupo de mulheres jovens.*

“A crise complicou a participação do grupo de homens jovens porque antes da quarentena foi realizado apenas um encontro presencial. Realizou-se ações para convidar novos participantes, entretanto encontramos dificuldades em vincular de forma efetiva aqueles que foram incentivados a participar. Da mesma forma, foram desenvolvidas algumas estratégias como a identificação de seus interesses, diversos saberes e competências para estimular o conhecimento e abrir novas possibilidades de reflexão.”  
*Sebastián Buitrago, educador do grupo de homens jovens para formação em masculinidades não hegemônicas.*

“Ter internet é um privilégio e grande parte das famílias não consegue se conectar às aulas. Portanto, nos propusemos a não contribuir com essa carga de atividades virtuais. Continuamos nos conectando com os meninos e as meninas através do atendimento psicológico, com o envio de atividades não virtuais para desenvolver em casa e apoio para defender seus direitos nas escolas. Não estou mentindo se digo que minha saúde mental foi um pouco afetada, pois eu me preocupava com as realidades dessas famílias. Aprendi que há um limite para a ação, porém, apoiar e agir à distância também é valioso.”  
*Brisbany Pino, facilitadora dos grupos de base de meninas e meninos.*

# NICARÁGUA:

## FORMAS DE COMUNICAÇÃO

Por: Educadoras/es do Projeto Regional Interpaz  
Centro de Servicios Educativos en Salud y Medio Ambiente



Bruna Leite / tdhA

O Centro de Servicios Educativos en Salud y Medio Ambiente (CESESMA) tem como missão contribuir para a promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes na Nicarágua. Atua em comunidades rurais do Norte deste país, com uma população que nos últimos 50 anos, além da crise da pandemia, enfrentou múltiplas crises políticas, econômicas e ambientais.

Para realizar suas atividades neste período, a organização desenvolveu diferentes estratégias como forma de manter o vínculo com as comunidades, ao mesmo tempo em que adaptava os processos educativos e o trabalho em equipe ao formato virtual.

A atuação de CESESMA nesses territórios tem como objetivo fortalecer a participação e a organização de crianças e adolescentes como sujeitos de direito e contribuir para a melhoria das relações interpessoais, familiares, escolares e comunitárias como meio de prevenir a violência.

No início da pandemia, a equipe institucional iniciou o confinamento e a reflexão sobre possíveis alternativas e estratégias de intervenção, conseguindo desenvolver diversas ações:



**Protocolo de atuação em emergência sanitária** - Foram acordadas medidas práticas de prevenção para o trabalho no escritório, nas comunidades e nas escolas, bem como o desenvolvimento de atividades virtuais e a definição das temáticas a serem abordadas com os diferentes atores, entre elas, o que fazer ao apresentar sintomas associados ao coronavírus, o manejo das emoções e os riscos associados à violência de gênero e abuso sexual.

**Protocolo de intervenção com mulheres adultas e jovens** - Para acompanhar as situações de violência baseadas em gênero e abuso sexual através de um “atendimento individualizado e virtual”, foram definidos princípios de proteção, confidencialidade e não discriminação, garantindo um espaço seguro para estabelecer vínculos com as mulheres e jovens, avaliar apoio emocional e analisar as práticas de intervenção adequadas em chamadas ou sessões virtuais. Da mesma forma, está sendo elaborado um protocolo de intervenção em crise com meninas, meninos, mulheres e homens adolescentes.

**Do presencial ao virtual** - Como atuar junto às comunidades em um momento de isolamento social? CESESMA elaborou instrumentos e realizou enquetes telefônicas periódicas com famílias, professoras/es, crianças e adolescentes para coletar informações de acordo com a faixa etária das/os participantes. Obtiveram dados relevantes sobre suas necessidades econômicas e emocionais que ajudam a orientar as ações nesses territórios.

**Implementação dos “Pactos comunitários de diálogo, respeito, proteção e igualdade de gênero”** - Os pactos são um exercício de cidadania que geram uma visão comum de comunidades seguras. Além disso, definem medidas, papéis e responsabilidades concretas para a proteção de meninas, meninos, mulheres e homens adolescentes diante do risco de violência baseada em gênero. São construídos em conjunto com meninas, meninos, mulheres e homens adolescentes, familiares e educadoras/es e abordam fatores de risco, práticas e referências de proteção, entre outros aspectos. Por meio de ligações telefônicas a esses atores, foi dado seguimento à implementação das medidas definidas nos pactos com ênfase na identificação do risco de abuso sexual, bem como do contágio do coronavírus. Nesse período, a equipe acompanhou cinco casos de abuso sexual e prestou apoio nos processos de denúncia.



Olhando para o futuro, a organização tem o desafio de transformar a ação educativa, aprender e possibilitar o uso de tecnologias, ampliar seu olhar sobre os riscos (desastres naturais, violência e saúde), bem como aprofundar o cuidado das emoções diante das múltiplas dores. Devemos seguir atualizando nossos próprios recursos metodológicos para a promoção da cultura de paz a partir da perspectiva dos direitos, da proteção e do gênero.

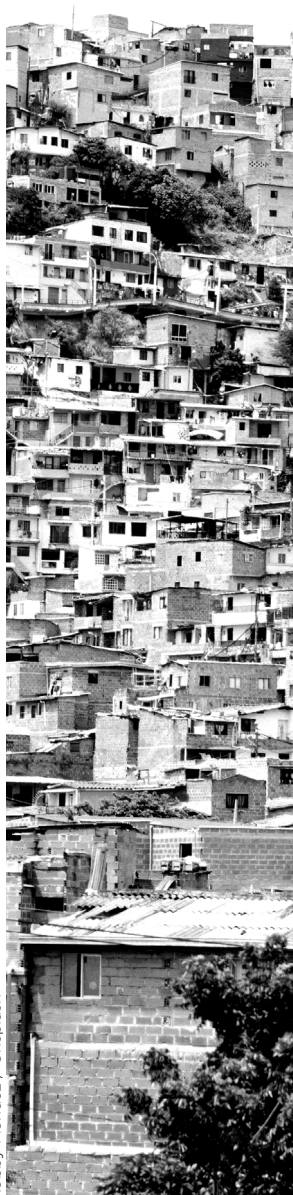
# BRASIL: APOIO À JUVENTUDE PERIFÉRICA

Por: Marília Frois e Eleilson Leite  
Coordenação do Projeto  
Regional Interpaz  
Ação Educativa  
[@acaoeducativa]

A Ação Educativa é uma organização de defesa de direitos que atua nas áreas de educação, cultura e juventude, desde 1994. É sua missão a defesa de direitos educativos, culturais e da juventude, tendo em vista a promoção da democracia, da justiça social e da sustentabilidade socioambiental.

Desde 2016, o país vem sofrendo ataques à garantia de direitos e um desmonte das políticas públicas, acirrando desigualdades sociais. Com a pandemia, esse cenário se intensificou. O Brasil tem mais de 13 milhões de pessoas desempregadas e cerca de 10 milhões tiveram suas jornadas de trabalho reduzidas ou suspensas.

As periferias, que são nosso foco de atuação, seguem sendo as mais afetadas. Seja pela falta de sustento econômico, pela dificuldade em realizar o isolamento social ou pela precariedade no atendimento hospitalar, o vírus se mostra ainda mais cruel com a população em vulnerabilidade social. Chegamos, no dia 10 de outubro, a 5 milhões de pessoas infectadas e 150 mil mortos.

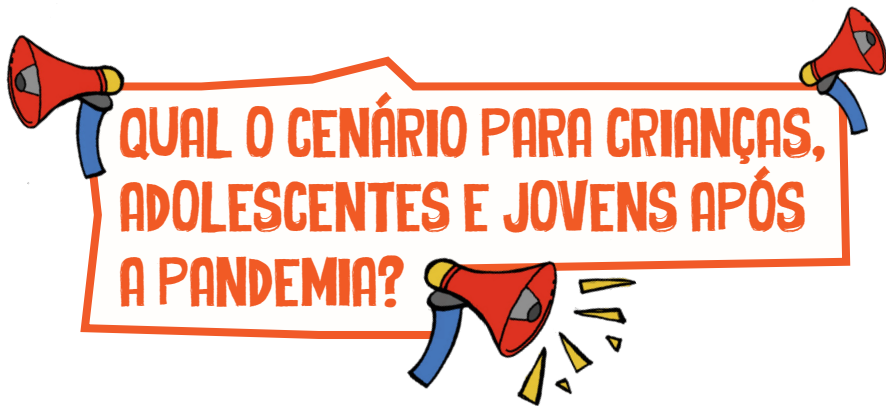


Assim que a pandemia se iniciou, a Ação Educativa suspendeu as atividades presenciais, formulou um protocolo de medidas sanitárias e organizou o trabalho remoto para as equipes. Era início de março e os projetos estavam apenas começando. Apesar das dificuldades – principalmente a criação de vínculos com os grupos –, reuniões, processos formativos e atividades de pesquisa e produção de conhecimento foram mantidos quase sem prejuízos. Atividades que tinham o território como foco foram mais prejudicadas, assim como as que preconizavam contato físico, como os polos de Futebol de Rua – metodologia que utiliza o esporte como ferramenta para mediação de conflitos, organização comunitária e promoção da cultura de paz.

No Projeto Regional Interpaz, desenvolvemos a sistematização da metodologia do Futebol de Rua e o mapeamento de experiências já realizadas com essa prática. A criação de cinco novos polos foi mais impactada, embora tenha sido possível avançar em dois deles, consolidando parcerias institucionais e dando início às formações teóricas de forma remota.

Além das atividades previstas em nosso planejamento, adaptadas ao cenário atual, envolvemo-nos também em iniciativas de incidência junto ao poder público para criação de políticas emergenciais e questionamento das políticas de austeridade fiscal, que prejudicam os segmentos mais empobrecidos. Algumas dessas ações foram vitoriosas, como a aprovação da Renda Básica Emergencial e da Lei Aldir Blanc (apoio a grupos culturais, artistas e demais trabalhadoras/es da cultura). Participamos de forma intensa do grupo gestor do Programa Cidade Solidária, instaurado pela prefeitura da Cidade de São Paulo, para uma ação pública de ajuda humanitária. Realizamos ainda atividades de apoio emergencial com recursos de organizações e financiadores parceiros, sempre em articulação com coletivos e organizações periféricas, para doação de cestas básicas e cartões de alimentação para centenas de famílias.

Em outras frentes de atuação, foram mantidas as oficinas de arte e cultura com 800 adolescentes que cumprem medida socioeducativa em regime de internação. Onze arte-educadores conduziram as aulas por meio de uma plataforma de ensino a distância. Por fim, apoiamos grupos e indivíduos com atendimento psicológico do Instituto Amma Psique e Negritude, para acolher jovens e educadoras/es que solicitassem apoio nesse momento de crise.



# QUAL O CENÁRIO PARA CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS APÓS A PANDEMIA?

“Pelo contato que tenho com meus alunos, depois de passar por momentos tristes, de dor pela perda de algum familiar, de incerteza, acho que a parte psicológica não estará bem. Infelizmente, os planos estão focados na parte acadêmica, o que é importante, porém, quando uma população vive uma guerra, um terremoto ou uma pandemia, se o emocional não for tratado, teremos mais expressões de violência por não saber lidar com a parte psicológica.”

**Manuel de Jesús, professor, El Salvador**

“Acho que a situação pode mudar muito porque voltarão a encontrar seus familiares, ir para a escola, ver seus colegas, poder se abraçar e sair de suas casas.”

**Alejandra\*, 13 anos, Nicarágua**

“Acredito que os meninos, meninas e adolescentes darão mais valor às relações sociais porque foi muito difícil para eles e elas não cumprimentar seus amiguinhos e amiguinhas com um abraço. Depois da pandemia, espero que a realidade dos meninos, meninas e adolescentes seja mais favorável. Espero que famílias, autoridades e organizações desenvolvam um plano emocional, social e educativo muito mais inclusivo e resiliente, que responda às necessidades e às diferentes circunstâncias, especialmente da população mais vulnerável.”

**Mercedes\*, educadora de uma fundação, Nicarágua**

“As aulas presenciais pararam e muitos alunos perderam o foco nos estudos porque não têm internet em casa. O desemprego também piorou com a pandemia e muitos responsáveis por famílias ficaram sem trabalho.”

**Murilo, 17 anos, Brasil**

\* Nomes fictícios

“Acredito que nada vai mudar porque na história os direitos das crianças e adolescentes sempre foram violados. Devemos continuar lutando pelos nossos direitos de igualdade e igualdade de gênero. Acredito que o direito que mais se viola é o direito à igualdade, quando os adultos se encarregam de ofuscar nossas vozes sem levar em conta nossas opiniões.”

Sebastián, 13 anos, Colômbia

“O acesso à educação ficou mais difícil, porque muitos não tiveram condições de acessar as plataformas digitais e perderam conteúdo. Com esse tempo fora da escola, ficou mais fácil fazer coisas erradas...Também por estarem muito tempo em casa, houve mais agressões entre casais, de adolescentes ou de pessoas mais velhas, o que também impactou as crianças.”

Andressa, 19 anos, Brasil

“Muitos perderam o trabalho e não puderam levar comida para casa. Acho que depois da pandemia poderão conseguir um emprego. Mas o abuso na violação dos direitos não mudaria porque o país é muito assustador e sempre acontece... Há pessoas tão ruins que não deixariam de nos machucar.”

Liz, 14 anos, Colômbia

“Com essa mudança na realidade dos jovens pode ser que as famílias possam estimular mais a confiança e a comunicação entre si por causa da situação de violência que vivem. Saber que têm o direito de viver sem serem maltratados e aprender a se comunicar. Durante a pandemia, muitos casos aconteceram e talvez consigamos descobrir como fazer para não viver com tanta violência.”

Rosa\*, 16 anos, Nicarágua

“Na minha opinião, as crianças e os adolescentes passarão a valorizar mais a vida e a família.”

Lu, 12 anos, Brasil

“[A resposta] depende se for uma criança, adolescente ou jovem de baixa renda. Também depende do cenário eleitoral, se haverá políticas públicas para a população menos favorecida, se haverá geração de emprego e renda. Sem apoio, permanecerá a vulnerabilidade social, educacional e cultural. Mas, se há empregos, os pais podem desfrutar com as crianças e os jovens de uma vida de qualidade.”

Guilherme, 21 anos, mediador de Futebol de Rua, Brasil

# REFERÊNCIAS

**Informe El impacto del COVID-19 en América Latina y el Caribe (Nações Unidas, Julho 2020).** Disponível em: <https://lac.unwomen.org/es/digiteca/publicaciones/2020/07/informe-el-impacto-de-covid-19-en-america-latina-y-el-caribe>

**El desafío social en tiempos de COVID-19 (CEPAL, Maio de 2020).** Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/45527-desafio-social-tiempos-covid-19>

**Boletín Técnico Gran Encuesta Integrada de Hogares (DANE, Maio - Julho de 2020).** Disponível em: [https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/boletines/ech/ech\\_informalidad/bol\\_geih\\_informalidad\\_may20\\_jul20.pdf](https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/boletines/ech/ech_informalidad/bol_geih_informalidad_may20_jul20.pdf)

**Por qué tantos colombianos han colgado trapos rojos en sus casas en medio de la cuarentena por la pandemia (BBC, Abril de 2020).** Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-52349231>

**CIDH alerta para as consequências da pandemia da COVID-19 em crianças e adolescentes (CIDH, Abril de 2020).** Disponível em: <http://www.oas.org/pt/cidh/prensa/notas/2020/090.asp>

**Proteger os direitos das crianças indígenas é garantir a demarcação dos territórios”, afirma jovem Guarani-Kaiowá na ONU (Conselho Indigenista Missionário, Julho de 2020)** Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/07/proteger-os-direitos-das-criancas-indigenas-e-garantir-a-demarcacao-dos-territorios-afirma-jovem-guarani-kaiowa-na-onu/>

**Aumento de asesinatos y reclu-**

**tamiento de niños, niñas y jóvenes en Colombia (Save the Children, Outubro de 2020).** Disponível em: <https://lac.savethechildren.net/es/aumento-de-asesinatos-y-reclutamiento-de-niños-niñas-y-jóvenes-en-colombia>

**Entre a vida e a morte sob tortura, violência policial se estende por todo o Brasil, blindada pela impunidade (El País, Junho de 2020).** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-30/entre-a-vida-e-a-morte-sob-tortura-violencia-policial-se-estende-por-todo-o-brasil-blindada-pela-impunidade.html>

**Proibição de operações reduz mortes em favelas do Rio durante pandemia (Uol, Agosto de 2020).** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/08/03/proibicao-de-operacoes-em-favelas-do-rio-durante-a-pandemia-reduziu-mortes-em-70.htm>

**Atlas da Violência (IPEA, 2020).** Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>

**Mortalidade por covid-19 é maior entre população negra em São Paulo (Agência Brasil, Agosto de 2020).** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-08/mortalidade-por-covid-19-e-maior-entre-populacao-negra-em-sao-paulo>

**GOMES, Nilma Lino. A questão racial e o novo coronavírus no Brasil (Friedrich-Ebert-Stiftung, 2020).** Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16315.pdf>

**Guia para proteger os direitos das mulheres e meninas durante a pandemia da Covid-19 (Anistia Internacional, Women's Link Worldwide e Federação Internacional de Planejamento Familiar/Região do Hemisfério Ocidental, 2020).** Disponível em: <https://anistia.org.br/informe/guia-para-proteger-os-direitos-das-mulheres-e-meninas->

durante-a-pandemia-da-covid-19/

**A CIDH insta os Estados a garantirem os direitos das pessoas LGBTI em resposta à pandemia da COVID-19 (CIDH, Abril de 2020). Disponível em:** <http://www.oas.org/pt/cidh/prensa/notas/2020/081.asp>

**Prevenção da violência contra mulheres diante da Covid-19 na América Latina e no Caribe (ONU Mulheres, Abril de 2020). Disponível em:** <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/05/BRIEF-PORTUGUES.pdf>

**Informe de políticas: Las repercusiones de la COVID-19 en los niños (Nações Unidas). Disponível em:** [https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/informe\\_guterres\\_covid\\_infancia.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/informe_guterres_covid_infancia.pdf)

**Unesco: Consequências adversas do fechamento das escolas. Disponível em:** <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/consequences>

**La educación en América Latina y el Caribe ante el COVID-19 (Unesco, 2020) Disponível em:** <https://es.unesco.org/fieldoffice/santiago/covid-19-education-alc/monitoreo>  
Acesso em 12/10/2020

**Abordando las dimensiones de género de los cierres de escuelas - Nota temática nº3.1 (Unesco, Maio de 2020). Disponível em:** [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373379\\_spa](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373379_spa)

**O que eu posso fazer para ajudar no avanço da educação de meninas? (Unesco, Agosto de 2020) Disponível em:** <https://pt.unesco.org/news/o-que-eu-posso-fazer-ajudar-no-avanco-da-educacao-meninas>

**A CIDH faz um chamado aos Estados a incorporar a perspectiva de gênero na resposta à pandemia do COVID-19 e a combater a violência sexual e intrafamiliar neste contexto.**

**(CIDH, Abril de 2020) Disponível em:** <http://www.oas.org/pt/cidh/prensa/notas/2020/074.asp>

**Protegiendo a una generación - Resumen ejecutivo (Save the Children, 2020). Disponível em:** [https://resourcecentre.savethechildren.net/node/18218/pdf/protect\\_a\\_generation\\_executivesummary\\_sp.pdf](https://resourcecentre.savethechildren.net/node/18218/pdf/protect_a_generation_executivesummary_sp.pdf)

**Las dificultades de la educación virtual durante la pandemia. (Academia Colombiana de Ciencias Exactas Físicas y Naturales, 2020). Disponível em:** [https://drive.google.com/file/d/1WYddliu7al1n1QfjCzErcbvmASf\\_WOBr/view](https://drive.google.com/file/d/1WYddliu7al1n1QfjCzErcbvmASf_WOBr/view)

**No somos la generación de la destrucción, somos la generación de la transformación (terre des hommes Alemanha, Julio de 2020) Disponível em:** <http://tdh-latinoamerica.de/?p=4719>

**Los jóvenes y la pandemia de la COVID-19: efectos en los empleos, la educación, los derechos y el bienestar mental (Organização Internacional do Trabalho, Agosto de 2020) Acesso em:** [https://www.ilo.org/global/topics/youth-employment/publications/WCMS\\_753054/lang--es/index.htm](https://www.ilo.org/global/topics/youth-employment/publications/WCMS_753054/lang--es/index.htm)









[www.tdh-latinoamerica.de](http://www.tdh-latinoamerica.de)